

Agora é tudo ou nada

Denise Rothenburg,
Vicente Nunes e
Daniela Nahass
Da equipe do **Correio**

Disputar a presidência da República é o sonho de todos os políticos. No caso de José Serra é um projeto a que ele se dedica de corpo e alma desde 1998, quando assumiu o Ministério da Saúde. Para chegar a esta quinta-feira, Serra contou com uma fatalidade, sua personalidade, seu trabalho, e uma grande ajuda do amigo Fernando Henrique Cardoso. Por causa de Serra, FHC teve uma última discussão com o governador de São Paulo, Mário Covas — entusiasta da candidatura do governador do Ceará, Tasso Jereissati.

Um dia antes da derradeira internação no Instituto do Coração (Incor), o ex-governador de São Paulo, Mário Covas, teve uma conversa dura com Fernando Henrique a respeito de José Serra. “Fernando, o que você quer fazer ao dar o projeto Alvorada para que o Serra pilote? Quer desequilibrar a disputa entre ele e o Tasso? Quer elegê-lo presidente? É isso?”, cobrou o então governador, referindo-se ao megaempreendimento que levou o ministro da Saúde a percorrer o país distribuindo cartões do bolsa-alimentação (*leia mais no texto ao lado*).

Covas seria o candidato natural do PSDB à Presidência da República, não fosse a recidiva do câncer que o matou em março do ano passado. A fatalidade da doença de Covas abriu caminho para os planos de Serra. Naquela época, numa conversa com um amigo no Palácio dos Bandeirantes, Covas bateu o martelo. “Não terei saúde para ser candidato. Essa disputa vai ficar entre Serra e Tasso. É uma pena que tenhamos perdido o Ciro (Gomes, hoje no PPS). Ele poderia ser um excelente candidato à sucessão do Fernando”, disse Covas.

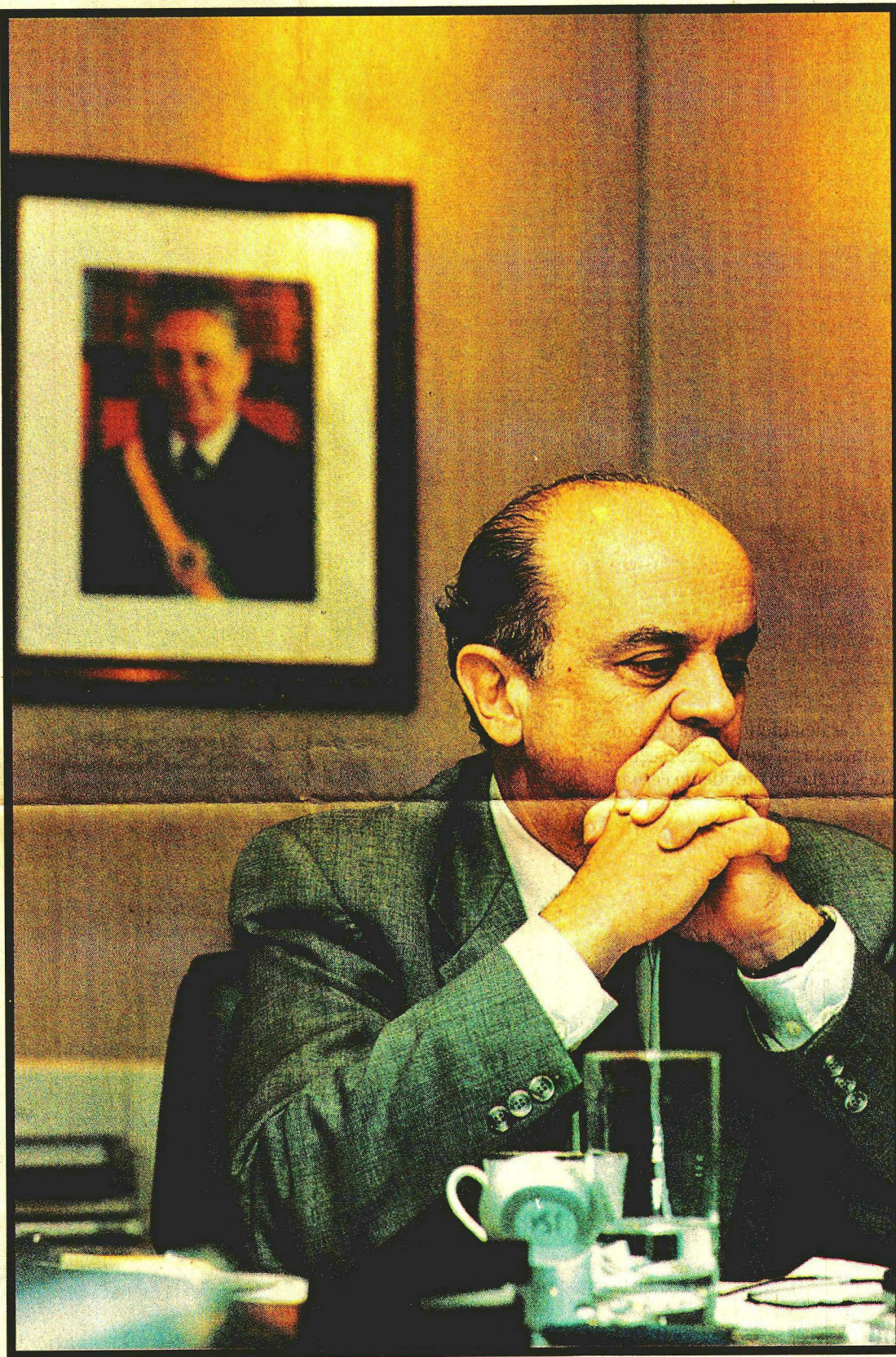
Até então Serra e Tasso não tinham divergências. Conversavam até a madrugada, sempre que Tasso vinha a Brasília. A disputa entre os dois começou há um ano, quando Serra começou a trabalhar dia e noite no plano político-partidário para a sua candidatura. Ajudou, por exemplo, o PMDB de Jader Barbalho a conquistar a presidência do Senado de forma a deixar a Presidência da Câmara para Aécio Neves (PSDB MG), isolando o PFL, que se aproximava de Tasso.

Ao longo de 2001, a disputa pela vaga de candidato a presidente pelo PSDB só teve um período de calma. No auge do racionamento de energia, com a perspectiva de campanha à luz de velas, nem Tasso, nem Serra falavam de candidaturas. Serra pensou em desistir. Nos Estados Unidos, chegou a comentar com um amigo que seu sonho de ser presidente terminaria ali. Iria concorrer ao Senado por São Paulo, uma vez que a vaga para o governo estadual estava ocupada por Geraldo Alckmin. Fernando Henrique passava pelos seus piores índices de popularidade. O dólar chegara a R\$ 2,80, na esteira da crise Argentina e da alta da taxa de juros. Em junho, Serra disse ao presidente do PFL, Jorge Bornhausen, que não iria “entrar numa aventura”.

O PIOR MOMENTO

Serra contava com o saldo positivo de seu trabalho na área de Saúde, mas tudo ficava às escuras por causa do racionamento. E, ainda assim, ele estancara em 7% nas pesquisas eleitorais — mesmo baixo, o melhor índice de todos os postulantes do PSDB. Deixou de lado os planos presidenciais e investiu em seu trabalho no Ministério, lançando os medicamentos genéricos e comprando briga com os laboratórios. Nos bastidores, seu esporte predileto era falar mal da equipe econômica, a quem culpava pelo fracasso de seu projeto. “A equipe econômica enterrou todos os meus planos”.

À medida que o cenário econômico se mostrava menos desastroso do que o traçado em maio e junho do ano passado, o ministro da Saúde voltou com força a trabalhar nos bastidores da política para minar as possíveis candidaturas que pudessem se transformar em novos estorvos. Seguiu à risca os conselhos do mercado financeiro, para não lançar seu nome à sucessão de Fernando Henrique Cardoso antes da virada do ano. A alegação dos analistas era a de que o quadro ainda ruim da economia poderia colar na imagem do candidato governista e enfraquecê-lo na briga com a oposição. Há pouco mais de um mês, Thierry Wizman, diretor de Análises para Mercados Emergentes do Bear Stearns, e Geoffrey Dennis, diretor do Departamento de Pesquisa para a América Latina da Salomon Smith Barney, revelaram isso ao **Correio**.



SERRA ACALENTOU A CANDIDATURA PRESIDENCIAL DESDE QUE VOLTOU AO GOVERNO COMO MINISTRO DA SAÚDE, EM 1998

JOGO PERIGOSO

Seguindo esse roteiro, só em setembro Serra avisou a Fernando Henrique que estava mesmo disposto a disputar a presidência. Fernando Henrique aconselhou-o a combinar tudo com Tasso. Serra fez justamente o contrário. Passou a trabalhar apoio na bancada tucana, numa guerra contra o governador cearense. Em dezembro, Tasso queixou-se a Fernando Henrique e ao presidente do PSDB, José Aníbal, que Serra anabolizava a candidatura do senador Sérgio Machado (PMDB-CE) ao governo estadual. Serra dera ao parlamentar a primazia de comunicar aos prefeitos a liberação de R\$ 17 milhões para programas sociais dentro do projeto Alvorada —

uma atitude simples, mas que, em termos políticos, vale ouro.

O trabalho de Serra junto às bancadas, almoços, jantares e a proximidade com a elite paulista acabaram por levar Tasso a se retirar da disputa. A missão do candidato, a partir de hoje, será apaziguar o partido, especialmente o grupo tassista. O deputado Nelson Otoch (PSDB-CE) mostra-se desanimado. “Quem tem de se empolgar com Serra é o eleitorado”, diz. Ele conta que Tasso desistiu da pré-candidatura porque se sentiu desconfortável com o tratamento que recebeu do partido. Otoch comenta ainda que, se Tasso não tivesse tomado essa atitude, até hoje Serra não teria assumido a candidatura.

Otoch acredita que Serra se tor-

nou o candidato do PSDB há oito ou dez meses por causa de sua exposição na mídia e devido à proximidade com o presidente. Ele acusa a cúpula do PSDB de jogo duplo, de inflar Serra e deixar Tasso de lado. “Serra não assumiu a candidatura, mas esteve presente na mídia. E dá-lhe Gugu, dá-lhe Ratinho, dá-lhe cadeia nacional”, diz. Refere-se às aparições de Serra nos programas populares e nas redes de TV convocadas pelo governo, enquanto Tasso buscava algum apoio em Brasília. O ministro se dedicará agora a conquistar a unidade do PSDB e o coração do eleitor, os dois passos que precisa dar para realizar seu antigo projeto de conquistar a Presidência da República.

■ COLABOROU EUMANO SILVA

PARA SABER MAIS

O polêmico projeto Alvorada

Marina Oliveira
Da equipe do **Correio**

O Projeto Alvorada veio como um remendo para as divergências políticas causadas pelo lançamento do Plano de Apoio aos Estados de Menor Desenvolvimento Humano, ou IDH-14, anunciado em julho de 2000. O maior programa de combate à pobreza do presidente Fernando Henrique Cardoso surgiu para beneficiar só o Nordeste e os estados do Pará, Acre e Tocantins.

Os R\$ 4 bilhões por ano arrecadados pelo Fundo de Combate à Pobreza engordariam o orçamento social das regiões com os piores índices de saúde, educação e renda. Os planos do Planalto, no entanto, foram radicalmente alterados depois de uma reunião de lideranças do PSDB, em setembro de 2000. Mário Covas, na época governador de São Paulo, criticou o “privilégio” oferecido aos miseráveis do Nordeste. Veio brigar por recursos para os pobres de seu estado. Tinha as estatísticas sociais do Vale do Ribeira para convencer o presidente.

Fernando Henrique cedeu, incluiu os municípios mais pobres de todos os estados, Minas Gerais e São Paulo junto. Para abrigar os miseráveis de toda parte, mudou o nome do programa de IDH-14 para Projeto Alvorada.

No orçamento de 2001, o projeto Alvorada acabou praticamente nas mãos de dois ministros. Paulo Renato Souza, da Educação, ficou com R\$ 1,7 bilhão para o Bolsa-Escola, que paga entre R\$ 15,00 e R\$ 45,00 por família carente com filhos entre 06 e 15 anos na escola. José Serra, da Saúde, com R\$ 1 bilhão para investimento em novas redes de saneamento.

Serra fez questão de fazer palanque em todos os estados beneficiados pela sua parte do Alvorada. Não dispensou cerimônia de assinatura de convênio nem mesmo na Bahia, com o constrangimento de ver Antônio Carlos Magalhães, recém-saído do Senado, ovacionado. A Bahia é estratégica para o candidato porque lá ele exerce o controle integral do PSDB e entre os baianos estão seu maiores aliados no PMDB.